



Foto de Daniela Alves.
Diagramador: Kleber Benício.

DUAS VEZES SEM:
Erotismo e desvio no olhar

DUAS VEZES SEM: Erotismo e desvio no olhar

Raimundo Kleberson de Oliveira Benício¹

Troquei de pele. Ontem (28 março de 2019) após vários turbilhões e interpretações relacionadas ao meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Os Múltiplos Olhares de Espectador: Análises-reconstituições a partir da Trupe dos Pensantes”, que tratou justamente sobre as interpretações da minha recepção em vários parâmetros sobre algumas vivências com algumas peças do grupo Trupe dos Pensantes (Crato/CE), percebo cada vez mais, a necessidade e importância de conferir voz a esse campo do olhar, como material de análise para a pesquisa contemporânea teatral.

Relendo as várias anotações e pareceres, chego à reflexão ainda mais completa de que a recepção é uma porta de entrada para nossa perceptividade em campo expandido de interpretações inesgotáveis e complexas identificações por cada um de nós.

O que proponho neste texto, portanto, refere-se a uma partilha de sensações capturadas e escritas no calor do momento (PAVIS, 2015) para desvelar percepções únicas e “irreprevisíveis”, sobre o impacto da obra *Duas Vezes Sem*, em mim. Tal análise se configurou para um “deslizar” sem uma sequência decifrável. Não me interessou necessariamente as relações sobre a forma de atuação e textual de modo geral, mas sim o erotismo² (BOGART, 2011) que a cena me causou.

¹ Licenciado em Teatro pela Universidade Regional do Cariri. Mestrando em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Artista múltiplo. kleberbeniciop@gmail.com

² É o foco que nossa percepção percebe, são as configurações que a cena nos seduz de algum modo, é o nosso estado de atenção dilatado (BOGART, 2011).

A recepção está para além da própria identificação estética, arrisco dizer que também envolve diversas zonas de experiências valiosas que surgem como associações e que são elementos presumidos para serem explorados também como fonte para a pesquisa teatral contemporânea.

O que me provoca como espectador-pesquisador não é apenas a mera instrumentalização simbolista e metafórica que a cena pode proporcionar, mas perceber como ela me tira do eixo e por que, buscando detectar um direcionamento de atenção, me obriga a não desviar o meu olhar.

Devido à falta de óculos na apreciação do trajeto iniciado na praça São Miguel em direção a praça do Detran, Crato/CE, minha visualização foi um pouco diferenciada, isso mudou totalmente os contrastes da cena para mim, nos distanciamentos, em alguns momentos.

Duas Vezes Sem é fruto do projeto de pesquisa "Ocupações Artísticas da Cidade: o Teatro de Invasão em exercício" do grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Poéticas Artísticas (NIPA), cunhado em estudos teórico-prático a partir da noção do chamado teatro de invasão. O espetáculo busca (re)apropriar-se dos espaços urbanos, levando em consideração aspectos socioculturais, históricos e a recepção a partir de moradores locais da cidade do Crato. Diante de fontes exploratórias e pesquisas, o Grupo tomou como mote a questão da morte e buscou considerar notícias de jornais locais sobre os acontecimentos da cidade.

Começo...

De imediato, me deparei ainda em trânsito com um caixão que pareceu flutuar, não consigo perceber se levado ou se

movimentado por meio de algum fio que o segurava. O barulho do trem me alerta para uma posição de perigo, ainda nessa mesma atmosfera, o homem que os guia com um bastão, me fez associar a um idoso, uma figura mais vivida que leva os outros a passagem da vida para outro plano.

A dramaturgia visual caracteriza-se, portanto, à vinda de um trem em direção ao conjunto de atuentes e à nossa passagem para outro além. Imediatamente, também visualizo, em meu imaginário, um percurso em um cemitério, embora seja uma caminhada pela linha do trem. Tal percepção decorre da reconfiguração/modificação do espaço através da produção de movimentações lentas.

Mais adiante, enxergamos uma criatura tentando se encaixar com o bastão em alguns lugares, ela se une ao "cardume transitório", que vinha seguindo pela linha do trem. Aos poucos, escuto o som de uma mulher gritando ainda trêmula... Devido à minha, real, falta de visão não consegui identificar quem quer que fosse.

Ao me aproximar da cena, percebi uma grande potência de presença não só pelo fato dela carregar um balde de lama que é derramado aos poucos. A metáfora criada para mim é que são suas lágrimas sujas, escorridas ao longo de suas vivências.

O risco é detectado por mim a todo momento, tanto pelos veículos ultrapassando as estradas, como pelo seu barulho. De repente, escuto uma voz longe e baixa, não consegui identificar também. Seria uma pedestre aleatória? Com a aproximação a identificação foi conferida.

Ao chegarmos na praça, visualizei melhor quem era quem e identifiquei um elemento do figurino que me chamou mais atenção do que a própria cena: uma flor branca. Passei vários minutos tentando associar aos vários espaços performativos que foram criados até aquele momento. Me questionei: Por que uma flor e por que branca? Sou tomado também por determinado coro de vozes distantes, de falas aleatórias.

Todas as fotografias deste texto são de Henrique Guimarães e foram editadas pelo autor.







As cenas iniciais com os bastões não me prenderam, talvez seja pelo reconhecimento do jogo e pela exaustiva vivência com ele durante minha formação. Podemos então ficar atentos a isso. Desse modo, indago: Será que jogos deveriam virar cenas? Ou como podemos transformar o jogo em um contraste diferenciado para proporcionar a uma espectadora mais experiente uma outra configuração?

Lembro, imediatamente, das proposições ousadas de Marcel Duchamp com seus *ready-mades*, ao colocar um banco imóvel e uma roda de bicicleta em cima. Percebem como isso traz um contraste diferenciado para o próprio objeto? Eu, particularmente, senti falta disso na materialização de algumas cenas, sobretudo a dos bastões.

Uma cena me capta diante de tanta evasão de atenção: a voz ecoada através da caixa de som, mas devido a proposta de simultaneidade com a voz ao vivo, isso acabou rompendo com um efeito interessante causado inicialmente. Será mesmo que somente a voz gravada não seria o bastante para prender a atenção do público? Ou em que momento as vozes ao vivo podem aparecer?

As movimentações dos bastões em contato com os pilares de ferro foram outro grande *erotismo* para minha percepção. Os sons ecoaram pelo espaço e se misturaram com a própria sonorização da cidade. Criou-se, dessa forma, uma partitura musical. Naquele momento percebi um gráfico potente de investigação de atenção para a cena.

Outro som que me chamou atenção foi o da moto, que estava imóvel próximo da praça, me questionei se o motoqueiro estava ali intencionalmente: aquilo seria real? Como um todo, percebo que a sonorização da própria cidade potencializa a proposta do espaço performativo que se escolhe, isso poderia ser muito interessante de ser investigado e investido nas cenas.

Sou tomado mais uma vez pelo meu desvio. As cenas adiante não me prenderam. No momento da dança com a música de *funk*, me veio um sentimento de tristeza, me perguntei quanto ao porquê daquilo. Talvez meu questionamento se devesse ao fato de tal música relacionar-se sobre algumas vivências pessoais como a festas; além disso, pelo fato de eu trabalhar em um bar.

Para mim naquele/nesse momento da vida, a musicalidade escolhida não se caracteriza mais em um espaço "preenchível", mas identifico diversas relações com energias vazias e solitárias, que me afetam de algum modo.

Sou surpreendido com a invasão de um corpo que percorre o espaço com uma caixa de som nas costas. Minha atenção retorna novamente. Tal ação rompeu com minhas expectativas, e me alerta para um direcionamento de atenção. Acredito que poderiam investir mais nessas surpresas em outros momentos.

O som do carrinho trazido é muito interessante e me concentra mais do que a pessoa dentro. Talvez isso esteja associado ao meu próprio acesso de imersão com a cena, ou seja, cada vez mais percebo que as sonoridades são elementos chaves para minha ativação do sensorial.

Fiquei surpreso com a música final do Seu Pereira (*Cabidela*), por coincidência, exclusivamente hoje, foi uma das músicas que mais escutei no meu fone: aquela música e *Irmãs* (de Carne Doce) me levaram à revisitação de meu dia vazio.

Desse modo, a recepção possibilitou um acesso a outras vivências tanto antigas como recentes, é uma impulsionadora para dispositivos que dilatam a percepção em diversas ramificações individuais. Foi possível perceber também, como os impactos reiteram uma reflexão da cena em campo expandido através da consciência do *erotismo*, sendo esse, espaço pedagógico para se pensar o foco da cena como um todo e que ultrapassa uma questão da afetação e identificação pessoal.

REFERÊNCIAS

BOGART, Anne. **A preparação do Diretor**. Trad. Anna Viana. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos**: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. Trad. Sérgio Sálvia. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Elenco: Cecília Lauritzen

Joelma Silfer

José Brito

Lucas Galdino

Paulo Andrézio

Sâmia Ramare

Suporte Técnico: Thiago Gomes

Lívio do Sertão

Taynaria Romão